J. Abreu SP7 Bacairi

J. CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS

(CRITICA E HISTORIA)

2.ª SÉRIE

[title page]

EDIÇÃO
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
LIVRARIA BRIGUIET
1938

OS BACAERIS

[p. 217]

3: Abreu SP7 Bacairi

[illegible]

Estudo publicado na "Revista Brasileira", 1.º Anno, tomos III e IV, 1895.

J: Abreu SP? Bacairi

OS BACAERIS

Os Bacaeris são indios que habitam as cabeceiras do Tapajoz e do Xingú em Mato Grosso. Seu nome, que primeiro apparece em roteiros dos bandeirantes de principios do seculo XVIII, encontra-se posteriormente repetido em narrativas de viagens, compendios e noticias avulsas de jornaes. Desde 1884/85 voltou-se para elles a curiosidade do mundo scientifico, que bem merecem pela lingua que falam, grupo ethnographico a que se filiam, costumes caracteristicos que conservam dupla face por que se apresentam, já domesticados no Tapajoz, ainda perfeitamente selvagens no Xingú.

Foi o Dr. Carlos von den Steinen, — auxiliado pelo nosso Governo que lhes concedeu uma escola militar entre Cuyabá e baixo Xingú e sustentou a expedição entre estes dois pontos, — quem, estudando-os, abriu o que não é exagero chamar uma nova epoca para nossa ethnographia selvagem. Os resultados desta expedição podem ser resumidos em breves linhas [1].

Primeiramente delimitou-se a noção pouco precisa do que é Cariba, denominação que, como muito bem diz o viajante allemão, foi dada pelos europeus a toda especie de indios e pelos indios a toda especie de europeus. Desde D'Orbigny e Martius pendia-se a identi-

(1) *Durch Zentral Brasilien*, Leipzig, 1886.

Ip 3191

fica-los com os Tupis. Baptista Caetano, sympathico á mesma idéa, insistia para fundamenta-la principalmente sobre o caracter impuro do idioma falado pelos Caribas, negando contra Hervas que fosse um dos quatro fundamentaes da America do Sul.

"No meu entender, escrevia elle, o Kariba não é nem póde ser lingua matriz. Mediante algum estudo que della tenho feito (e que sinto não ter podido aprofundar), ella se me apresenta como uma mistura extraordinaria de muitos dialectos de varia procedencia; é uma verdadeira giria, amalgamada de diversos dialectos, que ora apresenta muitas phrases de radicaes e vozes differentes, para exprimir a mesma coisa, ora absoluta falta de designação para outras coisas. E' uma embrulhada tal, que apenas se póde comparar com o que se ouve em certos circulos do Rio de Janeiro, onde ao mesmo tempo, na conversação em portuguez vai uma phrase em inglez, outra em italiano, um pedaço em espanhol ou alemão, e tudo isso mais ou menos alinhavado de gallicismos". (Introducção á 2ª edição da *Arte da grammatica da lingua... Kiriri* de Luiz Vicenzio Mamiani, Rio, 1877, pag. XII).

Isto que é exacto quanto aos Caribas insulares, que conhecemos pelos trabalhos de Breton [1], não se applica, porém, á lingua dos Bacaeris, que se apresentou pura, tanto como, por exemplo, a dos Cumanagotas e Chaymas de Venezuela e Colombia, pertencentes ao mesmo grupo, de que desde 1683 correm impressos grammaticas e textos.

---

(1) Cf. *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe*, par Lucien Adam, Paris, 1879.

J. Abreu SPI Bacairi

O segundo resultado foi encontrar-se ao sul do Amazonas tribus caribas, quando as que se conheciam demoravam só ao norte do grande rio, como Crixanás, Macuxis e outras. Em seguida, verificou-se que não eram estas as unicas: entre os rios S. Francisco e o Parnahiba, apanhara Martius um pequeno glossario da lingua dos Pimenteiras que provaram Caribas; Caribas eram tambem os Palmellas, com quem o Dr. Severiano da Fonseca tratou no Guaporé; mais Caribas viram depois o proprio Dr. von den Steinen em um dos confluentes do Xingú, o Culisewi, e o Dr. Paulo Ehrenreich, no baixo Tocantins, onde se chamam Apiacás.

O conhecimento mais preciso de linguas puramente caribas, a existencia de tribus que as falavam ao sul do Amazonas, suscitaram a questão: não seria antes do sul do Amazonas, na direcção do mar das Antilhas, que se arrumaram as migrações destas tribus, — antes do que no sentido contrario, como até então se admittia? Simultaneamente quasi responderam pela affirmativa o Dr. Carlos von den Steinen e o Sr. Lucien Adam que desde 1882 publicara diversos glossarios de Crevaux, entre os quaes havia alguns caribas.

Para estudar melhor o assumpto, veiu segunda vez o Dr. Carlos von den Steinen em 1888, que, ainda auxiliado por nosso Governo, visitou os rios Pakuera e o Culisewi até sua foz no Culuéne, o mais oriental dos formadores do Xingú.

Dois livros são o fruto desta viagem: uma monographia sobre a lingua dos Bacairis [3], publicada em 92, a narrativa publicada em 94 em volume ricamente illustrado, brilhantemente escripto, vigorosamente pensado, em que se discutem avultados capitulos de historia primitiva da humanidade: para resumir tudo em uma palavra, a mais opulenta contribuição moderna sobre quanto importa aos nossos selvicolas [4].

Ao mesmo tempo que apparecia o livro do Dr. Steinen sobre a lingua, estava aqui um Bacairi trazido do Paranatinga pelo Dr. Oscar de Miranda, quando realisou um tão tormentosa viagem rio abaixo até o Amazonas. Com o mesmo indio pende quem escreve estas linhas estudar o livro do sabio alemão, vocabulo por vocabulo, e não acha palavras bastantes para exprimir a admiração que lhe causam o exacto da transcripção phonetica, a agudeza com que foram penetradas as formas grammaticaes, a intensidade com que foi apurado tudo quanto nos materiaes colhidos havia de aproveitavel. Si, num paiz que blasona de essencialmente agricola, fosse permittida a comparação, poder-se-ia dizer que seu engenho, como uma das moendas gigantescas hoje em uso, espotou todo o caldo da canna, deixando apenas o bagaço.

Com aquelle indio, chamado Iriqu, e que aqui será designado pela inicial I, foram apanhados muitos textos, — lendas, descripções, tradições. O presente

(3) *Die Bakairi Sprache*, Leipzig, 1892.
(4) *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894

trabalho fita um relatorio parcial desta colheita. Assentando sobre o livro do Dr. Steinen, cujo systema de transcripção phonetica adopta com ligeiras variantes, mais que simples resumo é entretanto, pois em muitos pontos variam as opiniões, em outros apparecem pela primeira vez factos ainda não conhecidos. Isto quanto á parte linguistica, objecto deste primeiro capitulo. A independencia ainda é maior quanto aos artigos seguintes, pois funda-se exclusivamente no que disse Iriarte.

I

Da Lingua dos Bacaeris

A lingua dos Bacaeris (*kawa dawa, xabi dawa*, isto é, lingua de gente, exactamente como *ebá ãrã*, a lingua dos Tupis), é falada no rio Novo (Yemeriri), affluente do Arinos; no Paranatinga (Pakuséra) affluente do Tapajoz; no Tamitatoala, um dos formadores do Xingú, chamado Batovi pelos alemães, em honra do Barão do mesmo nome, presidente de Matto-Grosso em 1884, epoca da primeira expedição; no Culiseu, affluente do Culuene, tambem cabeceira, a mais oriental, do Xingú. No Orosuro, cabeceira mais occidental, não existem indios deste falar. Pelo exame dos vocabularios e das formas grammaticaes, ficou provado pertencerem os Bacaeris ao grupo dos Carahibas ou Caribas.

Das letras de nosso alphabeto, F só se encontra numa palavra, talvez onomatopaica, que precede os encantamentos: *aifá*, talvez imitação da baforada de fumo. V é raro, em todo caso não se pronuncia como geralmente no Rio de Janeiro, e parece antes bilabial. R é sempre brando, isto é, para aproveitar a descripção de Gonçalves Vianna, "o *ar* é expellido de uma vez sem interrupção, como em *caro*, e não intermittentemente, por contactos successivos, mais ou menos repe-

[p.224]

tidos, resultantes da vibração communicada ao orgão activo como em *carro*". G é ligeiramente velar, e para distinguil-o do nosso emprego-se o *y* grego: é sempre duro, como em gato e guerra. J tem antes o som inglez. *dj*. X é sempre o *ch* francez e nosso, *sch* alemão, *sh* inglez. Ç é preferido a S para evitar confusões. Para o som duro C é substituido, assim como Qu, por K. H é sempre aspirado. Y e W são sempre usados como vestigiaes. Ñ é o nosso *nh*.

Sons em nada parecidos com os nossos ha os seguintes:

λ, difficilimo de pronunciar, e que talvez só quem o aprendeu de pequeno possa dar satisfactoriamente: "não o posso definir melhor do que dizendo que fica entre *ri, re*, ru de um lado e *gl* de outro", escreve Steinen (*Bak. Spr.*, 255). Irineu prefere-o levando a lingua dobrada aos dentes superiores e depois, ou ao mesmo tempo, retirando-a, ou elevando-a, para o palato molle: é pois uma supradental-velar. Só apparece no fim das palavras precedido de *a* que torna muito longo.

Kw é mais velar que o K.

x é velar e corresponde ao *j* espanhol.

ŋ, que o Dr. Steinen considera nasal especial, é nosso *m* ou *n* final, precedido de breve *i*, como *tambem* na pronuncia fluminense.

Vogaes têm as nossas, puras ou nasaladas.

Ha mais o *ä*, isto é, a transição entre o A aberto e O como no inglez call, all; *ä*, transição entre *à* e *ö*; *ö*, correspondente ao equivalente alemão, ou *eu* fran-

ere: *ö*, equivalente ao alemão e o francez, mais aproximado, porém, do *i* que qualquer delles.

As syllabas constam ou de simples vogal, ou de consoante com vogal.

As palavras só terminam por vogaes, ou por *l* ou *n*. As vogaes finaes são ás vezes difficeis de apanhar-se por sua impureza, sendo preciso recorrer a certos suffixos como *yr*, *lö*, *no*, *ha* para defini-las.

Não ha palavras começadas por *h*, excepto *hahairi*, nem *d*, nem *s*, nem *y*, nem *l*, nem *r*: duas palavras dadas por Steinen com *r* inicial escrevem-se mais correctamente: *arapahara*, Oronoro.

p, *m*, *t*, *h*, *ha* iniciaes, quando pela adjuncção de prefixos e recurso de palavras independentes, passam para o meio, transformam-se respectivamente em *w*, *d*, *y*. No meio das palavras é frequente a mudança de *p* em *b*, de *t* em *d*, de *m* em *w*, com a vogal precedente nasalada; de *y* em *ñ*, de *l* em *r*, de *r* em *n*, de *c* em *h*.

O accento colloca-se na penultima, excepto quando a ultima syllaba termina em *l* ou *n*, por que então para ella passa o accento. Pode este tambem deslocar-se, quando duas palavras se encontram, por elisão: ex. *hakairi*, accento na penultima, no *i*; *hakair'idamo* accento em *hár* como se estivesse escripto: *hakáirriddámo*.

Diphtongos não os ha propriamente, mas as vogaes podem comprimir-se uma contra a outra, de modo a produzir a impressão de diphtongos.

Agora que o leitor já sabe pouco mais ou menos como se lê Kaura itano, exercite-se no seguinte texto.

que vae acompanhado de tradução interlinear: servirá de base a um ligeiro esboço grammatical e.c inedito, como aliás todos os que addicionamos.

1 Bakairi, wariio, kazaiwa ayryebidio
Bakairi Tapuio brasileiro quando brigaram

aiwadili
se flecharam.

2 Kaiwaimio iwwiriapadili
Nosso capitão se zangou

3 Ayi amarimo tukedio tubi
Bastante vio quando disse gente

ewaimo iniyadili.
uma doença a fez.

4 Iniyadio idumara amryedo ayà kaniyeli
Quando a fez todos bichos com morreram

5 Bapiride emedili wayà yamadili
Depois amanhecer sobre escureceu.

6 Xixi eyacedio yamu inenamdi.
Sol vae sahindo escuro a-fechou.

7 Inenamdio iyawimo iniyadili.
Quando a fechou frio o fez.

8 Xixi eyacedio yamadili
Sol quando sahiu escureceu.

9 Yamadio xirimika eyacdi.
Quando escureceu estrella sahiu.

10 Ayó yamu iyawinu iniyadili.
Bastante encanto frio o fez.

11 Aritão udidu aheyaukuli.
Depois ontem apparecu.

12 Péto ayó ayuetiño-mano iniyadili.
Fogo bastante velhos o fizeram.

13 Tano ahinkili pároo ahinkili.
Faca brincou-se flecha e brincou.

14 Tãwi-ye iyudãri tanuawy
Sua fama como quem não morre fazia

niye-pa tubinuibe.
morre não fica.

15 Ilapiritãe iwerá-pa-itão xui cyaculi.
Depois hoje não-sendo si sahiu.

16 Xixi kauratuá ayuetiño-mano amihaudili.
Sol meio dia velhos começaram.

17 Ilapiritãe ayi xikidão péto ôro
Depois muito dormido logo terra

odikua cyaculi.
dentro sahiu.

18 Xixi péto-ára ãlli.
Sol fogo como fica.

19 Ce adapikú-ye yéli.
Arvore calor com terra.

20 Piru çavẽli.
Agua secou.

21 Piru çavẽdão kaiwa iyẽli.
Agua quando secou peixe morreu.

22 Kaiwá iyẽdão ceuwa kawa
Peixe quando secou urubú peixe

çaçi.
o-comeu.

23 Piru çavẽdão awayidn iyẽli piru
Agua quando secou bicho-morreu agua

tinimẽli.
querium beber.

24 Agua awãhi idamára iyẽli.
Mandioca milho todo morreram.

25 Ãriãhide kaiyẽli.
Depois morreram.

26 Kaiyẽdão ceuwá-la kawi.
Quando morreram urubú no-comeu.

27 Ãrãyi kaapúrãtu le-ka awãrye.
Alguem ele enterra tem não avoa.

28 Idamára awayidn iyẽli.
Todos bichos morreram.

29 Ariãhide ayi-pa kaitão
Depois muitos não quando ficarão

koiwiniri parutiku imperkenli.
mano capitão mar, . o lenço (aqueo).

30 Aritão parutiku ayo-idili, pito emaerkili.
Depois mar cresceu fogo o apagou

31 Kaeraiwa ikumi-do nikeretudili.
Brasileiro seus avós o-ensinaram.

32 Mãra mimo iwãyã parutiku iwiw
Aquelle lua sobre mar se inchará

yamiwa keli.
espirito disse.

33 Tamũi- nu kuhiu mipewudili-ã
Sua gente para quando dizer mentes

inmudo keli.
seus gente disse.

34 Tamudo kuhiu pi inamudili.
Sua gente quando-dizer machado o apanhou.

35 Pepi inu xiyace.
Canôa grande a fez.

36 Atu takuiheq pepi.
Casa alta canôa.

37 Ilie tipiniri inadili pepi odaã.
Então sua comida a leva canôa dentro.

38 Ilie kaepie timeri tiwũdi
Então de noite seu filho sua mulher

ãyâ awla ewelli.
cum só se embarcou.

39 Ewelhi-ke paruzuha çalakwili.
Quando se embarcou mar se subiu.

40 Çalakwili kwçue.
Subiu de noite.

41 Arüüo idamura amayâdo ayâ kwiçili.
Depois todos bicho com morreram.

42 Tüwedüo çayuno kuiçalili.
Quando encheu areia a fez.

43 Iwerâ-pa mâra tapâku wiyâ çawelli.
Hoje não aquelle cahir sobre baixou.

44 Çawelüo çayüno tawâr
Quando abaixou areia pedra para

aturçalili
se-virou.

45 Ilaçairidc êro acewakali.
Depois a terra se troca.

46 Kaii-na êro idili.
Ceu para terra foi.

45 Idiehio kaiu ayâ-na xirimiira idili.
Quando foi ceu com estrella foi.

48 Pimiri ara tawöycç aturçalili.
Formiga como volatil se virou.

[illegible] [illegible]

49 Tawãpra atuyudili kamapio ara.
Voltará se virou pescando como.

50 Idamãra omayido ara kaikatoyudili.
Todos bichos como se viraram.

51 Ikapiridie ayikaitão tubi ewamu-pe
Depois quando cresceram mesmo trabalho com

kaikatoyewamukaidili.
aperreiavam.

52 Idu-pe-ha ikapiridie pubi ara
Mato havia não depois capim como

idu yabede.
muita nasceu.

53 Mãra odapiku wiyá apa
Aquelle calor sobre mandioca

ewili ipiri-biiri eyabeli
uma fruta seu caroço antigo nasceu

pubi amã.
capim (campo) meio em.

Antes de dar a traducção deste texto, seja permittido, tomando-o por'thema, acompanha-lo de ligeiras noções grammaticaes.

Um facto gulpeia-nos desde logo: as orações succedem-se, geralmente com um verbo apenas, sem interdependencia ou subordinação. Em outros termos: o Kaura-itano, como syntaxe usa exclusivamente de pa-

ratase. A maior complicação a que a frase mingy é a da opposição, da enumeração ou parallelismo, que não offerecem á alguma particular.

Na phrase o sujeito occupa o primeiro logar, o verbo o ultimo; o objecto, quando exigido, insere-se entre os dois. Pode preceder o sujeito, quando logicamente não existe confusão possivel. Assim, um Bacairi diria indifferente: Pobi tayuhe pavka, ou pavka tayuhe pobi, ou pavka pobi tayuhe, porque elle sabe que o pavco come capim e capim não come pavco.

Difficilmente escapará ao leitor a frequencia com que os substantivos e verbos terminados em *l* ou *r* seguido de uma vogal. E' que o Kaura-itzau possue uma particula que Steinen escreve *lö*, propria para indicar a emphase. Na lingua dos Chaymas é tambem empregada: "V. la voz significativa *tambien* la suele usar, añadiendo a sus finales la sylaba *re*: v. g.: De *tvhé*, yo, digo *tvhére*, yo tambien". (Tauste, *Arte y bocabulario* de la lengua de los Indios Chaymas, Madrid, 1680, facsimilada por Platzmann em Leipzig, 1888, pag. 46). O mesmo se nota com ligeiras variantes em todos os idiomas caribicos. *Lö* pode mudar-se em *ne*, como no n. 47 e &c.

Merece igualmente attenção a terminação *di-li*, *ni-li*, *ki-li* dos verbos, formas diversas de auxiliar, umas vezes equivalente ao *do* inglez, outras a *to have*, *to be*, *to become*, outras unicamente emphaticas. Os primeiros grammaticos chamaram ao seu equivalente em outras linguas verbo substantivo, denominação que bem merece; note-se, porém, que nada tem de commum

com o verbo *ser*; phrases como: o Capitão é rico, o Bacairi as exprime pela simples justaposição dos termos: Pinsu tinehikaserŋ.

Na forma de exprimir o pensamento é palpavel que a subordinação logica não galga os rudimentos. Deixa-se o indio levar por uma série de idéias e as impelle até certo ponto; volta depois e o mesmo faz ás outras; phrases muito distanciadas representam o mesmo momento chronologico; o que nos parece mais natural collocarmos no fim, desde o começo vão elles frisando; em summa, é parataxe formal, correspondo ao condominio das imperiaes e á ondulação das idéias.

Do que fica dito pode-se logo concluir que nem ha conjuncções nem conjunctivos no Kaura-dialecto.

Passando agora ás partes do discurso, observaremos, desde logo, que o substantivo, além da idéia de coisa ou pessoa, consigna a do tempo. Tendr. n. 44. é um futuro ou pelo menos um supino: rigorosamente significa — para pedra. O supino dos nomes forma-se juntando-se á palavra o suffixo *rûr*, do qual, porém, se conserva apenas *r*, ficando mudado a vogal que a precede. O presente é a palavra núa, ou com o simples accrescimo de *r*. O passado forma-se pelo accrescimo de *pûri*, ou *bûri*, que representa a mesma funcção do *cuer* ou *puer*, na lingua dos Tupis e Guaranis.

Um exemplo patenteará isto melhor: *iwûdi*, mulher casada significa o presente, *iwûdir* o futuro; *iwûdipûri*, significa a mulher que já foi casada, mas não é mais, ou porque o marido morreu, e então é synonymo de viuva, ou porque foi ella quem morreu, e

então pode traduzir-se a fiandeira esposa, ou simplesmente porque o marido a abandonou.

Do mesmo modo que no abu-duí a partícula *cuy*, pode *piri* ou *biri* em bacairi indicar o plural. E disto desprende-se espontanea e naturalmente uma explicação, tanto que não pode deixar de ser falsa, e não ha confiar nella: o indio concebe o nome como representando um: *imeri*, 1 filho: *imeibire*, filhos — ex.: 1 filho. Subtilezas destas não são estranhas aos aborigenes americanos. "Ayyaqu vaca dirá el Indio y no vacarettá, porque si las contó, no pudo ser una". (Restivo, *Arte de la lengua guaraya*, pag. 12, ed. Seybold, Stuttgard, 1892).

Que haja plural nos substantivos tem sido contestado; ainda ultimamente assegurava o Sr. Lucien Adam "que le Bakairi est le seul des dialectes (caribes) suffisamment connus dans le quel la distinction du nombre ne soit exprimée par aucun suffixe" (3); entretanto existe, e não são menos de tres as terminações indicativas do plural. A primeira é em *modo*: *ayartião*, velho, *ayartião-modo*, velhos. A segunda é em *no*: *pekódo*, mulher, *pekodómo*, mulheres; a terceira é em *do*: *idomu*, seu avô; *idomudo*, seus avós. Advirta-se, porém, que os Bacaeris, tendo embora um lindo verbo para contar (imperativo, *cápo;-ya*), não levam suas contas além de 3, e assim o numero para elles quasi nada pesa. Advirta-se ainda que a palavra *idomdro* significa ao mesmo tempo todos e inteiro: em

(3) *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe*, Paris, 1892, livro de extraordinario valor para o estudo de arduos problemas.

outros termos, ainda não se differenciaram em seu espirito os conceitos de pluralidade e totalidade, donde tantas palavras acabadas em *do* principalmente, em que a noção de plural não subsiste: exemplo *yuiu*, seu sangue, *yuudo*, sua gente, — isto é, seus sangues.

Pouco ha que dizer quanto ao genero.

Existem palavras que se podem dizer masculinas como *uyurodo*, homem, ou femininas, como *arekenua*, gallinha. De genero grammatical, porém, o unico vestigio se encontra nos demonstrativos: *mâko*, *miâka*, *mera*, *êra*, *inara*, empregam-se com a gente ou seres animados; *mâra*, *ara*, *hira*, *xira*, *anoire*, *ila*, só com seres inanimados.

A relação adjectiva, ou complemento restrictivo, como outros a appellidam, é representada pelo accrescimo do indice possessivo ao objecto possuido: assim *uyurode eti*, = homem sua casa = a casa do homem: *arekenua iço*, = gallinha seu marido = marido da gallinha ou o gallo.

Os indices possessivos dividem-se em duas séries: uma é — *ie* para a primeira pessoa, *i*, para a segunda, *e* para a terceira pessoa: assim *âta*, casa em absoluto, sem declarar o dono; *ieti*, minha casa; *iti*, tua casa; *eti*, sua casa; *ieuâri*, meu braço; *imâri*, teu braço; *euâri*, seu braço. E esta deve ser a fórma mais antiga, que vae sendo repellida pela outra série: *i* para a primeira e terceira pessoa, *â*, *a*, *à*, *e* para a segunda. Para a terceira pessoa existem mais: *ç*, como em *çeuâri*, seu braço, *u*, como *uyui*, seu pai e *x*. Ha além disso o recíproco: *t*, veja-se ns. 37 e 38.

O accrescimo do possessivo modifica quasi sem-

pre a consoante por que começa a palavra: assim *pepi*, canôa sem dono declarado, tem o *p* transformado em *z*. si quizermos dizer cuja é: *pima izepiri*, capitão sua canôa = canôa do capitão; *mayaku*, cesta, *iru mudo*, menino, fica: *iramúdo iuayakúru*, menino sua cesta; *tunáta*, banheiro, *piahi*, curador (não feiticeiro), *piahi idunatari*, curador seu banheiro = banheiro do curador. Acima, já estão indicadas as principaes transformações phoneticas: a ultima syllaba nos nomes das coisas possuidas é a particula *l* ou *r* seguida de vogal, a que já se fez referencia.

Os pronomes pessoaes mais communs, são: para a primeira pessoa *ura* do singular e *kuru* do plural; para a segunda *ama*; para a terceira os determinativos citados a proposito do genero dos substantivos. *Kuru* e *hina*, pode duvidar-se si significam nós, ou a gente, ou francez, *man* alemão, antigo *homem* portuguez, hoje obsoleto. Em todo o caso, a idéa de primeira pessoa do plural inclusiva e exclusiva, familiar ao *aba-ãnẽ*, é alheia ao *Kuru-ĩtano*. *Amaremo*, vós, 2.ª do plural, é evidentemente de formação secundaria: *mo* é signal de plural, *re* é a particula emphatica, *ama* o pronome da segunda pessoa do singular.

Outra série de pronomes menos usados: *aho*, *mahe*, *kaidahe*.

O adjectivo, geralmente collocado depois do substantivo, é, como este, susceptivel de genero e de numero. Repugnam-lhe os comparativos. Idéa approximada do superlativo exprime-se ou mediante a particula emphatica, ou pelo accrescimo de certas palavras como *kũiru* deveras (comp. em francez *bon, tout de*

bou, *kuara* em bacaeri tem entre outras a accepção de bom): *ãwakukeba*, não é caçoada, etc.

Os determinativos são susceptiveis de numero e tempo. Os cardinaes não passam de tres: *tokale*, um; *ahaγe*, dois; *ahewaλ* ou *ahewaucla*, tres. Steinen deu a Antonio, o indio que lhe serviu de lingua na região do Xingú, a seguinte phrase: primeiro anda (o menino) como bicho, de quatro pés, e só obteve: *çaγuõe awaγito ara ãhe ïwodo adakoobodili*: isto é: anda com os dois braços. A' intelligencia dos Bacaerís afigurou-se mais facil do que formar o numero 4 inventar toda uma historia, segundo a qual Ceminu (Morcego) teve um filho da filha de Pau de Morcego (*Pódiki*), e quando descoberta a paternidade, se zangou com o menino, quebrando-lhe os joelhos com uma flecha: desde então os meninos andam primeiro com os dois braços, antes de andar com os dois pés [6].

Quanto ao adverbio basta dizer que segue ou precede o verbo, e póde receber possessivo e tempo.

As preposições, numerosas, vêm sempre pospostas ao substantivo; daremos apenas: *da*, que indica lugar onde; *eina* ou *eira*, lugar para onde, geralmente elidida em *ra* ou *na*, com a nasalização da vogal precedente: *ahe*, *õro*, sobre; *aγe*, com, significando companhia. *γe*, com, instrumento. A preposição *de*, no sentido do *from* inglez ou *aus* alemão, é representada por uma fórma complicada.

(6) A questão dos joelhos parece ter custado muito trabalho ao cerebro dos Bacaerís. Mapiouhai, um dos seus avós, tinha os seus como os de gallinha; vencendo, porém, Kuri o Cano numa corrida, estes quebraram-lhes, e desde então ficaram os joelhos da gente com o geito que hoje têm.

3: Abreu SP7 Bacairi

A exposição, siquer superficial, do verbo, levaria muito longe; muitos pontos estão ainda por estudar, e si conhecemos as fórmas usuaes, ainda não se acham devidamente analysadas.

Steinen divide os verbos em duas classes, dos quaes uns fazem o preterito em *raki*, outros em *taki*, e podemos acceitar esta classificação que, no todo, é satisfactoria e se presta perfeitamente ao fim que aqui se tem em vista.

Os verbos têm dois imperativos affirmativos na segunda pessoa do singular e um negativo; têm tambem ao que se póde chamar um imperativo da primeira pessoa do plural.

No indicativo possuem tres passados que se podem chamar remoto, médio e flagrante, pois este, que é em *raki* ou *taki*, póde tambem indicar o presente ou o futuro immediatos.

Têm talvez dois presentes: um, com *he* ou *ce* accrescentado ao thema, e seguido do pronome pessoal; outro, incorporando pronomes pessoaes, o thema do verbo e o auxiliar do verbo substantivo, a que já se alludiu. A proposito destes presentes possiveis ha, porém, a ponderar que muitas vezes representam passado e passado remoto, como no trecho que acima fica transcripto. Mais simples seria considera-los fórmas do infinito, principalmente porque admittem posposições e, portanto, funccionam como substantivos; ha, porém, a attender-se ao facto de I. quando se trata de uma acção praticada no proprio momento em que se fala, empregar sempre a fórma combinada com o auxiliar quando o verbo o admitte.

3: Abreu / SP7 Bacairi

O futuro é composto de um auxiliar *ice*, que significa gostar, junto ao presente e poucas vezes se o emprega.

Ha participio activo, passivo e supino.

As terminações de qualquer tempo pospõem-se ao thema e não variam com as pessoas, excepto quando recebem *mo*, para indicar plural: os pronomes que precedem o thema variam, porém, muito, apresentando-nos ao que os grammaticos do *abañeẽ* chamam as transições. Assim si dissermos: eu mato, é preciso declarar a quem no pronome ou pronomes que precedem o thema, e d'ahi duas formas possiveis: eu *te* mato, ou eu *o* mato; na segunda pessoa, tres fórmas possiveis: tu *me* matas, tu *o* matas, tu *nos* matas; na terceira pessoa, quatro formas possiveis: elle *me* mata, elle *te* mata, elle *o* mata, elle *nos* mata; na primeira pessoa do plural, duas fórmas possiveis: *nós te* matamos, *nós o* matamos. A segunda pessoa do plural e a terceira não differem das do singular. Temos, por conseguinte, onze fórmas possiveis de cada tempo, em principio; na realidade já alguns se acham obliterados e confundidos, si é que algum dia existiram e, agora, não passam de sete na melhor hypothese, como veremos adiante. E' claro que isto se dá unicamente nos verbos transitivos.

Os verbos transitivos que menos alterações padecem são os reflexivos, pois a acção só póde exercer-se sobre o agente que é a propria pessoa, e os verbos como: contar, dar, dizer, etc., que geralmente exigem um complemento de pessoa, a quem se conta, diz ou dá qualquer coisa. Como os Bacaeris indicam esta pes-

sua separada do verbo e com posposição clara, e a coisa que se conta, diz ou dá é sempre de terceira pessoa, segue-se que, em taes casos, não ha transições, e as fórmas são apenas tres para o singular e uma para o plural.

Para os verbos reflexivos e para os transitivos, que só admittem objectivo de terceira pessoa, os pronomes que precedem o thema são *kz*, na primeira pessoa, *m* na segunda, uma vogal, geralmente *i* ou *n* na terceira, *kxi*, ou *kyid* na primeira do plural.

Os verbos intransitivos têm muitas vezes *ie*, ou *i* na primeira pessoa, *e* ou *a* na segunda, *y* ou *i* ou *n* na terceira, como os substantivos acompanhados de possessivos.

Os verbos em *raki* e *taki* têm ambos sua conjugação negativa especial áquelles, em *pïiri*, os outros em *pa*.

Na terceira pessoa do singular ha uma fórma especial, que tem aproximadamente significação passiva: empregam-se o objecto e o verbo sem o sujeito.

Agora os paradigmas dos tempos principaes de dois verbos que, de proposito, foram escolhidos com themas quasi identicos: *iyatu*, correr, *eyatu*, contar, narrar. Aquelle, pertence á conjugação de *taki*; este, á conjugação de *raki*: e dahi procedem as differenças que logo saltam aos olhos nos suffixos temporaes *postpostos* aos respectivos themas. O primeiro é intransitivo; o segundo é uni-transitivo, isto é, não tem as onze transições pronominaes, e dahi procedem as differenças não menos profundas nos affixos pessoaes que *precedem* os respectivos themas.

3: Abreu SP7 Bacairi

		Thema: *i-ɣatu*, correr.	*E-ɣatu*, narrar.
Imperativo	2 s.	*i-ɣatu-ɣa*, *i-ɣatu-da*	e-ɣatú-ɣa, e-ɣatúra.
	1 pl.	kxa-ɣatúne	kxie-ɣatũ-re.
Neg.	2 s.	t-ũɣatú-hé-ba	kxne-ɣátu.
Pass. remoto	1	yõ-ɣatũ-ma	e-eyatũwa.
	2	i-ɣatũ-ma	m-eyatũwa.
	3	e-ɣatũ-ma	n-eyatũ-wa.
	1 pl.	kxõ-ɣatũ-ma	kxi-eyatũ-wa.
P. médio	1	ie-ɣatu-da	e-eyátu.
	2	i-ɣatu-da	m-eyátu.
	3	ne-ɣatu-da	n-eyátu.
	1 pl.	kxõ-ɣatu-da	kxi-eyátu.
P. flagrante A	1	ie-ɣatu-dai	e-eyatu-raki.
	2	i-ɣatu-dai	m-eyatu-raki.
	3	n-eyatu-dai	n-eyatu-raki.
	1 pl.	kxõ-ɣatu-dai	kxi-eyatu-raki.
Pass. flag. B	1	ie-ɣatu-taki	
	2	i-ɣatu-taki	
	3	n-eyatu-taki	
	1 pl.	kxõ-ɣatu-taki	
Pres. A		ie-ɣatu-di-li	kxa-n-eyatú-li.
		i-ɣatu-di-li	ma-n-eyatu-li.
		e-ɣatu-di-li	i-n-eyatú-li.
		kxõ-ɣatu-di-li	kxi-n-eyatu-li.
Pres. B		ɣatú-he (para todas as pessoas)	eyatú-he (para todas as pessoas).
Pres. negativo	1	ie-ɣatu-bũra	kxa-n-eyatu-ba.
	2	i-ɣatu-bũra	ma-n-eyatu-ba.
	3	n-eyatu-bũra	n-eyatu-ba.
	1 pl.	kxõ-ɣatu-bũra	kxi-n-eyatu-ba.
Part. act.		ɣatu-heni	eyatu-heni.
Part. pass.		ɣatu-dibi	eyatu-ribi.
Supino		ɣatu-dõe	eyatu-hõe.

Por estes dois paradigmas regulam-se os verbos de *raki* e *taki* em quanto se refere aos affixos pospostos ao thema e indicadores do tempo; pelo paradigma de *cyatú* narrar, correm os verbos que se podem chamar *unitransitivos*, ou porque são reflexivos, e a acção communica-se apenas ao sujeito que a exercita, — identidade de sujeito e objecto, — ou porque além do complemento de coisa pedem o de pessoa e, ao passo que exprimem aquelle por incorporação ao thema, este, unico que poderia mudar, os Bacaeris exprimem separado do thema do verbo.

O caso dos verbos *multi-transitivos* é diverso, e exige o estudo dos que os grammaticos jesuitas, — embora o methodo defeituoso que os induzia a applicarem nos idiomas do Novo Mundo a craveira do latim, — espiritos de rara sagacidade e intuição linguistica, chamaram *transições* a proposito do abá-ñeẽ.

Tomando o thema *çatõ* (*Bak. Sprache*, 143) temos que *çatõ-hc* é um dos presentes do indicativo e significa eu corto, tu cortas, elle corta, nós cortamos, vós cortaes, elles cortam. Tanto basta para demonstrar quanta razão assiste a Steinen, quando considera um mytho grammatical dizer-se que nas linguas caribas ç representa pronome da primeira pessoa. (*B. Sp.*, 281/291).

Si, porém, quizermos dizer: tu *me* cortas, teremos *i-atöhe*, que tambem significa elle *me corta*. Si quizermos dizer eu *te* corto, teremos *a-tõ-hc*, que tambem significa elle *te* corta ou nós *te* cortamos. Si dissermos *kx-atöhe*, tanto póde significar: tu *nos* cortas, como elle *nos* corta: donde se é levado a concluir que

ç de *çatö-he* corresponde ao objectivo da terceira pessoa, e que *çatohe* significa eu, tu, elle, nós, vós ou elles *o* cortamos. Isto de facto se verifica, o que certamente não milita a favor de Steinen, quando, no seu tentamen admiravel de reconstituir o cariba primitivo (Karaïbische Grundsprache), falado pelas diversas tribus antes de sua separação, leva o *ç*, com suas multiplas variações phoneticas, a conta do thema dos verbos.

Passando ao outro presente, encontraremos para *eyatu* as seguintes fórmas: *kxa-n-atö-li*, *ma-n-atöl-i*, *i-n-atö-li*, *Kxi-n-atö-li*. Por *eyatu* já ficamos sabendo que *Kx*, *m*, *i*, *Kxi* significam respectivamente eu, tu, elle, nós; significando porém, *Kxanatöli*, não simplesmente eu corto, mas eu *o* corto, será precipitado concluirmos que *n* representa em taes fórmas o objectivo da terceira pessoa? Tanto não é que, si quizermos dizer tu ou elle *me* corta, teremos *iatöli*, em que não se encontra *n*; eu, elle, ou nós *te* cortamos, *atöli*; tu ou elle *nos* cortam *Kxâtöli*, em que não se encontra tambem *n*.

Resumindo agora estes factos chegamos aos seguintes resultados:

1.° — Nos verbos multi-transitivos, o presente em *he* ou *ce* é passivel apenas de quatro modificações, pois tantos são os objectivos pessoaes possiveis de se incorporar ao thema dos verbos, precedendo-os;

2.° — No presente em *di-li*, *ki-li*, *tui-li* ou simplesmente *lö*, quando o objectivo é de terceira pessoa, ha quatro modificações possiveis, porque a indole da lingua exige em tal caso que além do pronome *paciente*,

3: Abreu SP7 Bacairi

que não varia, se incorporem ao thema, procedendo-o, os pronomes agentes que são em numero de quatro;

3.° — Na primeira e segunda pessoas do singular, na primeira do plural, como se trata da pessoa que fala ou a quem se fala, pessoas presentes, só se attende ao pronome objectivo, e como estes reduzem-se a tres, dois para o singular e um para o plural, não passam de tres as transições.

Por isso, as transições, de que acima falámos como podendo elevar-se a onze, não vão a mais de sete, em um caso, de quatro, em outro; onze ao todo, mas em turmas differentes.

Assim, por um longo desvio, tornamos outra vez ao pronome.

Com grande razão affirmaram os Jesuitas que no *abi-ñeẽ* os pronomes se subordinam a duas classes. "Os pronomes pessoaes, diz o saudoso Baptista Caetano, "dividem-se em duas ordens bem caracterizadas, por serem: a primeira, dos pronomes agentes ou denominativo, e a segunda, dos pronomes pacientes ou de accusativo e dos casos regidos. Ambos elles são prepostos aos verbos, conforme a regra mais geral... E, quando concorrem ambos, o immediato ao verbo é o paciente" (7).

O mesmo se nota no Kxura-itano. E os pronomes pacientes ou objectivos são identicos aos possessivos, o que é mais uma prova de quão pouco differenciados se acham ainda o verbo e o substantivo, o verbo transitivo e o intransitivo neste idioma.

(7) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Vl. 8, Rio, 1879.

Eis agora uma lista dos pronomes pessoaes, divididos pelas duas ordens de

	Pronomes Agentes	*Pronomes Pacientes*
1	*u, ura, ahe, kx (a)*	*ie, i, u*
2	*m (a), ama, mahe*	*a, ai, e*
3	*a, e, i, a*	*é, i, n, ç*
4	*kxi (d), kxidahe, kxura, hina, xina*	*kx.*

O reciproco é *t, d, ç, h, x*.

Segue-se a traducção livre do trecho dado acima [8], e que é preciso já conhecer bastante kxura-itano para entender na traducção interlinear. Seu assumpto é a destruição do mundo pelo fogo e pelo diluvio.

Eis o que succedeu aos bacaeris, aos brasileiros, aos tapuias depois que brigaram. — Nosso capitão se zangou: — basta, disse, e fez a doença da gente, e todos com os outros bichos morremos. — Depois ao amanhecer escureceu: — as trevas fecharam a sahida do sol. — quando o fecharam fizeram o frio; — depois do sol sahir continuaram as trevas; — com as trevas sahiram as estrellas; — muito frio fizeram as trevas.

---

(8) De *exairi*, braço, que é o mesmo que *çawili*, asa, vem o verbo *apori* (Bakairi Sprache p. 82 e 108), que significa nadar. *Ikiwáru, significa* o rio está nadando — *corrediriru*: kuadupi paru obe yawaru, (B. Sp. p. 82), a cuia está nadando no rio. Parece que além do *paru*, muito commum, e *luna*, conservada apenas em tunala, os bacaeris possuiam tambem para agua *i*, ou *ik*, que encontramos na proposição ikale, dentro, só applicada á agua. Segundo Iriaeu, quando querem perguntar si um animal vive em rio ou em terra, é commum a phrase: odik, ôro par-ikano menoro. Si um animal é terrestre, respondem: par-ikano keba menoro. (Cf. B. S. p. 31).

3: Abreu SP7 Bacairi

Depois appareceram as onças; os antigos fizeram muito fogo: as facas lutaram contra as facas, as flechas lutaram contra as flechas; — quem não morreu de fome, os fortes, não morre mais, fica. — Depois, passados tempos, surgiu o sol; os antigos comeram ao meio dia. — Depois, muitas noites dormidas, o fogo sahiu de dentro da terra; — o fogo era como o sol; as arvores morreram com o calor; seccaram os rios; — quando seccaram, morreram os peixes, — e o urubú comeu os peixes. — Quando os rios seccaram morreram os bichos á sede; — A mandioca, o milho, morreram totalmente. — Depois morremos nós, — e o urubú nos comeu porque não havia quem nos enterrasse. — Todos os bichos morreram. — Depois de nós reduzidos a poucos, nosso capitão benzeu o mar; — depois o mar cresceu e apagou o fogo.

Os avós dos brasileiros sonharam; — na outra lua vae inchar o mar, disseram-lhes os espiritos. Quando contou-o á sua gente: estás mentindo, disse-lhe sua gente. — Então tomou o machado, — fez uma canôa grande, — alta como uma casa; para dentro da canôa levou sua comida; de noite, só com a mulher e filhos, se embarcou. — Quando embarcou o mar subiu, subiu de noite. Depois com todos os bichos morremos.

Quando o mar subiu fez a areia. — Passado um anno abaixou — e a areia fez-se pedra. — Depois ceu e terra trocaram-se; a terra foi para o ceu, o ceu veio para a terra com as estrellas.

Nasceram em fórma de formiga os volateis; — depois os volateis viraram passarinhos; — todos nós viramos bichos. — Depois, quando crescemos, aprendemos a trabalhar; — não havia mata; — depois a mata nasceu como capim. — No outro anno rebentou a fruta da mandioca no meio do campo.

Antes de terminar, algumas indicações sobre a formação das palavras.

O adjectivo derivado forma-se muitas vezes accrescentando *t* ao substantivo, e a terminação *ueŋ* ou *γeŋ* para indicar presença e *ueni*, ou *ueri* ou *γèni* para indicar ausencia; exemplo *ischike*, fato, trem, *tischikeneŋ*, rico, *tischikeneri*, pobre: *odo* ou *çodo*, senhor, *todoneŋ*, alheio (ao pé da lettra, tem dono): *cutuëri*, asa, *tatuëγeŋ*, volatil [9].

γe serve tambem para formar adjectivo, mas seu principal papel é nos verbos, aos quaes dá sempre a idéa de destruição ou desmancho: assim de *itubi*, casca, faz-se *kxatituγeli*, descasquei; *accuakeγa*, escapar-se (sahir das mãos), *ixuru*, pé, *ixuγeli*, cahir.

Os verbos reflexivos formam-se juntando-se ao thema o pronome paciente representado por *h*, exemplo *K'xahinaraki*, fiquei (me deixei), ao passo que *xinoraki* é activo e significa o-deixei: *âhipanâkeli*, (se) appareceu, *inepanâkeli*, fez apparecer, ou representado por *x* ou ç, exemplo: *axodili*, se encontra, *iniodili*, o encontra; ou por *d* ou *t*, *adâile*, se acaba, *inâili*, o acaba.

A idéa de jteração obtem-se introduzindo *nono* entre o thema verbal e o indice temporal: *cyatuhe*, conto, *cyatunono-he*, torno a contar.

Estas ligeiras linhas indicam o muito que se póde fazer neste terreno ainda por explorar.

---

(9) Não consta da publicação o termo citado.

3: Abreu SP7 Bacairi

E agora, que está vencido este passo da lingua e o leitor já tem uma idéa ligeira dos sons e das formas do Kuura-itano, interroguemos os bacaeris, sobre a sua concepção do mundo, a familia e a sociedade, as suas acquisições culturaes, as suas migrações, etc.

Quatro, quando muito cinco artigos, serão o sufficiente para isto.

[p. 250]

II

A Concepção do Mundo

Acreditam os Bacaeris que o homem consta de dois elementos: *kuayatopüri*, nossa sombra, andadura ou corrida, e *kuati*, nossa camisa, ou *kutubi*, nossa pelle. Póde-se traduzi-los: corpo e alma, mas a tradução é inadequada.

A sombra veste e despe a sua camisa com facilidade e muitas vezes, sahindo e entrando, ora normal, ora anormalmente, ora provisoria, ora definitivamente.

A sahida é normal quando se grita, pois a sombra com a mesma rapidez com que vae ao lugar onde o echo reboa torna á sua pelle; ou quando se dorme e sonha. O somno tornando-se agitado denuncia a subida de morros, a passagem de rios ou maus encontros. Não se acorda quem está dormindo, porque a sombra póde ainda não ter revestido sua camisa (10).

Quando dormimos sonhamos, diz o piahi; — quando dormimos nossa sombra conversa com os espi-

(10) Matias Ruiz Blanco na sua *Conversión de Piritú*, publicada em 1690, dá uma variante da mesma idéa entre os indios daquella região, que, como os Bacaeris, eram tambem Caribas: "El estilo de saludar-se, es decirse uno a otro: Eres tu? has venido? llegaste? estás bueno?" y a los huéspedes en llegando nadie les habla, ni hablan hasta que ha pasado un rato, porque dicen están aguardando a que llegue su alma, disparate de marca mayor. (*Conv. en Piritú*, 62, reimp. Madrid, 1892). A saudação entre os Bacaeris é: *ama*, tu, a que se responde: *ura*, eu; ou *mawili*, vieste, a que se responde: *éé lawili*, sim vim.

3: Abreu SP7 Bacairi

ritos (yamũra); — nossa sombra passeia longe, — quando nossa sombra vem acordamos; — quando nossa sombra tem medo, á noite, na hora de dormir, falamos; — no tempo que nossa sombra dorme sonhamos; — trepamos arvores, trepamos morros; — nós passeiamos com os yamũras, — bebemos, mingau, comemos, etc.

A sahida é anormal, porém temporaria, quando uma pessoa cae desfallecida de susto, porque com muitos gritos e abanando-a com folhas de *ipenakóro*, consegue-se que a sombra volte; ou quando se offende aos piahis e yamũra porque, sendo devidamente provocados, perdoam o crime, e permittem que a sombra torne, como veremos, adiante.

E' anormal e definitiva por morte.

Os Bacaeris em phrase de grande energia affirmam que não adoecem de molestia propria (*to-cuanũ-ye Bakaéri tõnanc-pa*): a doença é sempre inoculada por feiticeiros (*omc-odo*, senhor do veneno), e os venenos, todos de origem vegetal, são em primeira linha jatobã, depois coquihiba, peúva de flôres brancas ou amarellas, vinhatico, pindahiba, etc. Sabedor disso, o primeiro cuidado do curador (*piahi*), chamado para tratar de doente, consiste em extrahir a lasca de pau que produz o incommodo, o que consegue chupando o paciente.

A's vezes, apesar da medicação, este succumbe. Pinta-se então o morto de urucú (*anoto*); põem-se nas orelhas e narinas as pennas que as ornaram em vida; reunem-se os objectos de propriedade (*icchiko*) como arco, flechas, etc., que juntamente com o dono

são depositadas no buraco que lhe servirá de sepultura, bem coberto de terra, socada a pés. A' tarde, a sombra levanta-se sob a figura de Curiangu (*Pokerún*, Caprimulgus), e vem beber mingáu, que vão levar á cova, no lugar correspondente á cabeça. Passados tempos não volta mais.

Falam tambem os Bacaeris em *kuadopu*, que equivale aos nossos duendes ou almas penadas, e, segundo parece, são as sombras dos que succumbem de morte violenta. O seguinte trecho descreve o que de mais claro se diz a respeito destes entes:

Kuadopu anda passeiando á tarde, diz o piahi; é só osso; tem buraco nos olhos; passeia na mata; minhoca é sua comida; passeia na vargem; lagarta, bicho de pau, cascudo, é sua comida; vem á casa beber mingáu (*poyu*); leva tu para fóra a comida de kuadopu, leva beijú e pirão (*pukuu*); de noite, para dormir, queima borracha, esfrega na porta, na tranca (*anuxu*, nariz); kuadopu não entra, a borracha fede, e elle não gosta do cheiro. Leva sua comida para a sepultura; quando não entoas o canto (*crému*) de kuadopu, elle não vae para o céu. Por isso, muitos dias dormidos, põe mingáu em duas cuias pequenas; põe o mingáu no meio da sepultura; duas pessoas armadas de porretes entoam o canto; terminado o canto quebram-se as duas cuias e foge-se. Chegando de longe, benze dizendo: *Kuikuiká* (ora sus?). Quando se pára, benze-se, dizendo: Aúfá! vae para dentro do céu, para a nossa gente, para nossa mãe, para nosso pae, aqui não tem ninguem, dentro do céu é bom, vae, nós tambem vamos morrer, se diz, — ensina o piahi.

3: Abreu SP7 Bacairi

Outro trecho representa kuadoqu em fórma de tatú (*Mugaru*, Dasypus) no meio da tapéra, e aconselha que não se passe pelo lugar onde houve briga.

Algum tempo vagam corpos e espiritos pelo mundo, e nas palavras do piahi voltam descripções de cabeças de defuntos que passeiam de noite, figados que se sentam á entrada das portas ou tripas em que se pode pisar no escuro. Afinal a sombra se liberta, e por uma escada de algodão fiado, que passa por baixo da estrella *Tomorcq*, sobe ao céu. Á entrada do céu está o Urubú com o seu fojo; aquelle que não tem orelhas e narinas furadas, e não leva as pennas, o Urubú o benze, isto é, sopra-lhe, e cae dentro do fojo; nem um perigo soffre o que está assignalado e vae avistar-se com Nakoeri.

Nakoeri é palavra cuja etymologia não se pode explicar pelo kaura-itano; felizmente a lingua dos Acawoyos, indios da Guiana Ingleza, Caribas como os Bacaeris, offerece-nos a tal respeito uma indicação preciosa. Na traducção da primeira parte do Genesis, e do evangelho de S. Matheus, recentemente publicado em Londres (11) pela "Society for promoting Christian Knowledge", lê-se a celebre phrase: o espirito de Deus andava sobre as aguas (Genesis, I, 2): *Makonâima* "Yakwarri" *etoupu tona poropoiro*, em que "Yakwarri" significa espirito. Nakoeri e Yakwarri são palavras identicas, semantica e até phoneticamente, pois o *u* da primeira como o *y* da segunda são indices

(11) Devo a acquisição desta Obra á bondade do amigo Dr. Edgar da Prado, a quem rendo os meus agradecimentos.

possessivos da 3.ª pessoa; o *r* duplo na transcripção ingleza deve representar o mesmo som que o *r* singelo em nossa escripta [12] e a transformação de *a* em *o*, de *o* em *u* é facto trivial nas linguas mais diversas. Podemos, pois, traduzir Nakoeri do mesmo modo que Yakwarri por espirito.

O Akawoio ainda permitte dar um passo adiante. Fiat lux diz-se em Akawoio: *Abrou tevijima*. Não será *abrou*, luz, o radical de *Nakoeri* e *Yakwarri*, e não significariam estes nomes primitivamente o luminoso? Aos grammaticos fica reservada a resposta; que das tradições bacaeris conclue-se a affirmativa, quiçá a continuação deste estudo comiga demonstra-lo.

O proprio Bacaeri explicará melhor o que sabe de Nakoeri.

Quando não havia gente aqui na terra, antigamente, nasceu Nakoeri, quando não havia sol, não havia lua, etc.; só existia Urubú, só existia Onça antigamente; então Nakoeri fez primeiro só o Tamanduá, a Onça, e o Porco, fez os bichos porque era o Senhor da reza (*urenti*); — depois fez o barro para avô dos Bacaeris; — como gente Nakoeri fez o barro (*orisu*); quando acabou de fazer, po-lo ao pé de uma arvore. — Naquelle tempo antigamente Nakoeri não tinha casa. Quando acabou de po-lo ao pé de uma arvore, Nakoeri benzeu-o, — quando o benzeu nasceu o avô dos Bacaeris, — pequeno como os bichos nasceu o avô

(12) Quem o R inglez qualquer affirmação é temeraria. "The consonant R, carves Miss Laura Soames, is the most perplexing element in our language. Dr. Ellis wrote in 1875, that after more than thirty years study, he was not certain whether he had yet mastered its proper intricacies (*An introduction to Phonetics*, 68, London, 1881).

3: Abreu SP7 Bacairi

dos Bacaeris; quando cresceram, comeram pau secco e pau podre os antigos; sem flecha e sem porrete nasceram os avós dos Bacaeris; — quando augmentaram, os avós dos Bacaeris appareceram cada um para sua gente; homem só, mulher só, etc., andavam os Bacaeris; — quando cresceram, quando fez os bichos, Nakoeri fez uma escada de algodão, — de algodão fiado fe-la Nakoeri; — debaixo da estrella de braza *tonoreŋ* é a porta de Nakoeri; — quando fez sua escada, Nakoeri foi para o céu; — por isso as almas dos Bacaeris vão para seu capitão Nakoeri; — quando chegou ao céu, Nakoeri fez sua casa; — depois que fez sua casa, Nakoeri fez uma lagoa; fria é a lagoa de Nakoeri; no céu Nakoeri não morre; — ao amanhecer Nakoeri vae se banhar dentro de sua agua; quando vae Nakoeri se pella; — ao amanhecer Nakoeri vira-se em menino; — de tarde Nakoeri vira-se em velho; — naquelle dia só não (isto é, todos os dias) Nakoeri se pella; — não secca a lagoa de Nakoeri, muitissimas (*avi kauru*) almas de Bacaeris ha na aldeia de Nakoeri; — tem maribondos, tem urubús, tem gavião grande, tem gavião branco.

Wara bakaéri una inεyatuli, concluiu I.; "assim conta o Bacaeri esta historia". Deixemo-la, porém, de parte, que adiante voltará mais a proposito.

No céu a sombra, que antes já se transformara em Kuadopa ou Caprimulgo, attinge sua evolução final, transubstanciando-se em *Yamũra*. Para obter a explicação desta palavra, não temos de sair do bacaeri: *Yamũra* vem naturalmente de *Yamu*, escuro, e significa o principio tenebroso, lobrego.

E' natural inquerir se o *icekiko*, isto é, as alfaias, o trem, como traduz I., que se deposita com o defunto,

3: Abreu SP7 Bacairi

passa por transformação analoga á do dono. Os textos não respondem categoricamente, mas dão a entender que assim é, porque os *yamũra* possuem canôas, cestas, porretes, mas em nada se assemelham aos que se usam na terra: são animaes. Julgue-o o leitor pelo trecho seguinte:

Anta é cesta de *Yamũra:* Anta passeia nas costas de *Yamũra*, — *Yamũra* vae comer mandioca, comer abobora, comer cuia, comer feijão; não é a Anta que come; — dentro da cesta *Yamũra* apanha abobora, apanha feijão, apanha cuia, etc.; quando apanha Yamũra leva.

Tambem o Queixada — o Queixada vem á roça comer mandioca, — tambem o Queixada vem nas costas de *Yamũra*, — arranca mandioca, arranca cará, arranca batata, — quando arranca, *Yamũra* a leva, á Queixada, — por isso Queixada não se encontra — Queixada não apparece porque Yamũra a escondeu.

Tambem a Anta, etc.; ao meio dia a Anta dorme, passeia de noite, etc.

Caitetú é tambem cesta de *Yamũra*. Caitetú só anda aos tres: cava raiz de arvore, cava raiz de mandioca, cava raiz de cará, cava raiz de batata.

No seu pouso *Yamũra* faz mingáu, rala mandioca, cozinha cará, cozinha batata, assa beijú.

Tracajá é a cuia de *Yamũra;* — dentro da Tracajá mistura e tempera sua bebida, bebe sua bebida; — Tracajá é o maracá de *Yamũra*, etc. Jahú é a canôa de *Yamũra*, — dentro de Jahú rala a mandioca, extrae o polvilho, aproveita a manipueira, etc.; por isso quando se pesca Jahú paga-se, — paga-se com mingáu, paga-se com pirão. *Yamũra* vem beber mingáu em casa, — por isso põe-se mingáu no caminho, põe-se pirão, etc.

Tambem o Jacaré: ralo de *Yamũra* é Jacaré, — rala mandioca, rala cará, rala batata, etc.

Tambem a Sucuri é a rede com que *Yamũra* pesca — *Yamũra* pega veado, pega paca, pega cotia, etc.; por isso quando se mata Sucuri, faz trovoada, faz chuva, etc.

O peixe pintado é o porrete de *Yamũra;* — Arraia é o assador de *Yamũra*: em cima da Arraia, *Yamũra* assa seu beijú, assa a sua mandioca puba, assa seu polvilho, torra mudubim.

Um naturalista neste trecho poderia reparar que a Cotia (*Dasyprocta aguti*) "leva a maior parte do dia escondida em algum tronco oco ou em buraco debaixo das raizes e ao anoitecer sae á procura de comida": que a Paca (*Coelogenys paca*) "leva existencia principalmente nocturna, dorme de dia num buraco que ella propria escava, de preferencia sob a raiz de uma arvore e sae ao escurecer": que o Veado galheiro, pelo menos, "á tardinha, depois de posto o sol, durante a noite e depois de madrugada sae á procura de alimentação": que Queixada e Caitetú (*Dycotyles*) saem "ora de dia ora de noite a procura de comida, fossando o chão a cata de raizes": que a Anta "em regiões habitadas leva vida principalmente nocturna; em trechos tranquillos, onde não ha gente, de manhã e á tarde está sempre em movimento, excepto ás horas quentes do meio-dia que passa dormindo": em outros termos, todas estas phrases entre aspas extrahidas do livro do Dr. Goeldi sobre os Mammiferos da nossa terra (pags. 92, 99, 103 e 106) confirmam o que fica dito sobre o caracter lobrego dos Yamũras.

3: Abreu SP7 Bacairi

Outras considerações parecem-nos, porém, de maior alcance.

Primeiramente na enumeração de trem dos *Yamüras* temos uma base para a seriação das acquisições culturaes dos Bacaeris. Ficamos sabendo que possuiam a rede de pescar antes da rede de dormir, que já navegavam quando ainda não tinham pilão, que provavelmente possuiam o maracá antes das mascaras com que apparecem em suas festas.

Depois vemos que si theoricamente a morada do *Yamüra* é no céu, grande parte de sua existencia se passa na terra donde lhe vem o sustento. Não é, porém, o sustento sua preoccupação unica; livre das contingencias do espaço e do tempo, anda rapido como o vento, é ente ciuso, que espia todos os actos e pesa com esmagadora pressão sobre os vivos. Quasi não ha acto sobre que não influa: gestação, nascimento, alimentação, festas, horas de passear, tudo cae sob sua alçaria inexoravel, como veremos mais tarde. Parece que os Bacaeris poderiam pintar o corpo a seu talante. Puro engano.

Yamüra não gosta de urucú, — por isso não percas a semente de urucú, diz o piahi; — *Yamüra* entra em casa das pessoas que têm filhos, — por isso queima-se leite de seringueira — quando se queima esfrega-se na porta; — pae de menino quando vae para o rio pinta-se com genipapo, — pinta-se com urucú, — por isso *Yamüra* pensa que é sangue; quando o pae do menino não se pinta e vae para o rio, *Yamüra* atira-se dentro d'agua; — gosta da resina de guanandi; — com caroço de algodão queimado *Yamüra* foge para

3: Abreu SP7 Bacairi

longe; — de tabatinga e barro *Yamũra* gosta muito; — de resina de copahiba não gosta; — quando se queima de jatobá *Yamũra* não gosta, diz o piahi.

Finalmente, havendo certos animaes que são para elle um meio de ganhar a vida, sua ferramenta, si é permittida a expressão em povos que não attingiram a edade metalica, é natural que *Yamũra* os defenda com o mesmo cuidado e a energia com que Bacaeri defenderia sua canôa ou seu arco. Animaes existem cuja violação é castigada immediatamente: por exemplo, o Sucuri em um dos trechos acima adduzidos, ou o Topichi, passarinho de que adiante tratar-se-ha mais a proposito. Estes são os verdadeiramente *tabú* ou *tapú*, expressão usada na Australia, e que, por muito conhecida, não exige explicação. A respeito de outros a transigencia é possivel, e fez-se de modo mui razoavel, dando já preparada ao *Yamũra* a comida que teria de preparar no campo. E', porém, indispensavel que o animal morto seja aproveitado, aliás antas, pacas, porcos atacam roças, estragando-as; e para propiciar os *Yamũra* é preciso dar uma festa, naturalmente mascarada, a que elles vêm assistir incognitos. Depois de ter comido bem, dão-se por satisfeitos e cessa a praga.

O seguinte trecho frisa melhor a idéa de pagamento e, comquanto contenha algumas repetições, não é redundante.

Morta a Guariba (*Mycetes*) paga-a, diz o piahi; morto o macaco Coatá (*Ateles*), morta a Preguiça (*Bradypus*), paga-os com mingáu; — quando não se paga, *Yamũra* agarra nossa sombra; Iniga (*Cebus ?*)

3: Abreu SP7 Bacairi

é o animal domestico creação (*eyi*) de *Yamũra*; — quando derribares matta em que mora *Yamũra*, paga-a; — procura um lugar para fazer festa; — makanari é a paga da matta [13]; — depois quando *Yamũra* beber mingáu vae para longe [14].

Makanari é o nome de uma de suas festas, e seria o lugar proprio para tratar dellas, si infelizmente as ligeiras informações que a tal respeito existem não fossem deficientes, encobrindo de todo o lado ritual e cultual que constitue a sua essencia. Voltaremos a ellas em outra occasião, chamando por agora apenas a attenção para este ponto: as danças e festas mascaradas são verdadeiras ceremonias religiosas.

Vejamos agora os Piahis, cujo papel importante já nos tem apparecido vagamente.

Uma palavra basta para defini-los: o piahi é um Yamũra.

Piahi é palavra que, com ligeiras variantes, apparece em diversas linguas sul-americanas e, como Carahiba, póde ser explicada de muitos modos. Em bacaeri liga-se talvez a *epituado*, pagamento, idéa cujo alcance já tivemos occasião de mencionar. Propria-

(13) Posteriormente ao ditado deste trecho, teve I. duvida si a dança é makanari ou outra qualquer.

(14) Uma variante da mesma ideia apõnta Matías Ruiz Blanco entre os Indios de Peritó (Colombia): "cuando el indio trae alguna venado ó jaboli del monte, sale la mujer con una tutuma de la bebida que hacen del maiz y le abre la hora al animal y le da de beber por agasajo para que el alma de aquel refiera a los otros el buen trato que le han hecho" (*Conversión de Perité*, 84, reimp. de Madrid).

3: Abreu SP7 Bacairi

mente significa o curador, o medico. Não se confunda, pois, com feiticeiro: *ome-odo*, o senhor de veneno, póde tirar a saude e a vida a uma pessoa; *amapõçodo*, o senhor da mão do defunto, póde fazer estourar o senhor do veneno; mas ambos são mortaes, ao passo que o curador é immortal e domina as forças da natureza.

Alguns exemplos apanhados ao acaso mostrarão como o Piahi apparece á intelligencia dos Bacaeris.

O filho de um curador passeava com o pae, quando de subito foi acommettido por uma onça. Defendeu-se como poude, e chegando á casa contou: surrei uma onça. — Estás mentindo, disse o curador, surraste a mim. Isto prova que o curador póde entrar no corpo dos animaes, ou, para usar a expressão indigena, fazer de um animal sua camisa.

Parutamido matou um tatú á beira de uma lagoa, abriu-o, lavou-o, e não quiz entrega-lo ao Yamũra que dentro d'agua o reclamou, como animal de sua creação (*iyi*). Para castiga-lo, o Yamũra afogou-o. Passado tempo sem delle haver noticias, um curador seu cunhado, sonhou com o que lhe tinha succedido. Penetrou na lagoa, onde o Yamũra explicou o motivo por que afogara Parutamido, tratou-o muito bem, presenteou-o com mingáu, com beijús e lhe ensinou a dança do *Kxaritówo*. Isto mostra quão differentes são as attenções que os yamũras têm para os piahis e para a gente atôa (*wanololo, de waono*, primeiro; cf. al. *der erste der beste*).

No salto do Paranatinga, lugar terrivel em que Keri e Came atiraram a *Mama*, pedra vermelha e en-

3: Abreu SP7 Bacairi

cantada, com que mataram Mero e Arimoto, está por baixo da Mama o sonho (*V'èdu*) que elles arrancavam dos olhos do lagarto. Lá assiste o pae das bexigas (*turi*): quem se approxima adoece; quando chega o tempo do salto dos matrinxans, quem perto fala ou ri é atirado á agua. O curador não corre perigo approximando-se: si fica zangado, póde benzer o somno e este levanta-se e passeia.

Como attinge o curador a esta plenitude de poderes, que em seus discursos tantas vezes atira aos que desdenhosamente chama gente atôa? Por uma aprendizagem muito longa e penosa, que poucas pessoas têm a coragem de seguir até o fim e á risca.

Primeiramente, o candidato a curador (*piahi-heini*) precisa de encontrar um curador consummado, que lhe indique o que deve fazer, e o proteja contra os inimigos que nunca deixa de encontrar. O curador futuro precisa, além disso, de por sua parte não deixar uma só brecha por onde possa introduzir-se o inimigo, o Karówi, os yamúras tão ciosos e tão malvados, cuja occupação principal dir-se-ia andarem á cata dos minimos descuidos para castiga-los inexoravelmente.

E' este o objecto do regime rigoroso a que tem de submetter-se si quer elevar-se ás alturas em que paira o verdadeiro curador.

Começa o noviço bebendo diversas drogas como timbó, pindoba, vaimbé e outros cipós para aprender a lingua dos animaes, e de Karowi, especie de Curupira: não póde comer pirão, nem mingáu, nem gordura, nem carne, nem lambari, nem volatil, nem ta-

manduá, nem mel: sua alimentação é exclusivamente beijú e caldo de polvilho.

Não pode morar na aldeia, mas numa casa retirada, a casa de dança, (*Kxadócti*), onde se fazem as festas, se acolhem os hospedes e as mulheres não têm entrada: é preciso que com estas não fale, e para maior segurança não só o curador mestre amedronta o noviço dizendo que as vozes que ouve não são de mulheres mas de Karówi, como arma sua rede encostada á porta para que não possa sahir seu discipulo em qualquer momento de descuido.

Passados tempos, saem a passeio mestre e discipulo, e este, que facilmente aprendera a lingua de Karówi, começa a falar a lingua de onça. E' o signal de que a iniciação está quasi terminada; o curador dá-lhe o cipó de cobra (*aynkur-iokeu*), o candidato a piahi morre, torna-se yamüra e vae para o céu apresentar-se a Nakoeri.

Nakoeri, que já conhecemos, possue muitos animaes domesticos: araras, pombas, rolas, jacús, jacucaca, mutum, maracanã, periquito, papagaio, tucano, araçari, anuns, gallinha, tamanduá, etc. Que ha de commum nesta bicharia é o que só um naturalista acostumado á ideação dos Indios, poderia dizer com alguma segurança. Alguns parecem escolhidos pelo brilho da plumagem, outros por seus habitos matinaes, outros finalmente pela circumstancia de como que sumirem-se por algum tempo, reapparecendo mais gordos, qual se tivessem passado em pastos mais pingues.

Depois da morte começam as distincções entre o curador e o yamüra commum: este, como se viu, sobe

por uma escada de algodão; o discipulo e o mestre sobem juntos, não se declarando, porém de que modo.

Quando o piahi-he-ini vae vêr o céu, os moradores do céu avistam-no de longe que vem; quem vem ahi? dizem os yamûras para Nakoeri; então Nakoeri apparece na porta; o piahi e o seu discipulo aproximam-se: ah! és tu, vieste? diz Nakoeri; — sim, sou eu, vim para ti, responde o discipulo; — sim, não gostaste de tua bebida, de teu beijú, de tua comida, é bom, por isso vieste, gente atôa não vem para minha aldeia, diz Nakoeri.

Depois Nakoeri bota para fóra bancos e lá fóra conversa com o discipulo do curador; primeiro, põe um banco vermelho; põe depois dois bancos brancos; o discipulo não se senta no banco vermelho; põe para fóra tres bancos vermelhos (ao todo cinco, dos quaes os vermelhos mais proximos do candidato, para tenta-lo): o candidato passa pelos tres bancos vermelhos sem se sentar (si se sentasse commetteria um crime e não subiria a piahi) e senta-se no banco branco: és homem ás direitas (*uyurodo-lo*), tu sim, és valente, diz-lhe Nakoeri.

Depois Nakoeri vae buscar massa de mandioca: a cauda de arara vermelha amarra-a com algodão na ponta do cabo de maracá, e entoa seu canto e toca o maracá; então move-se o banco do candidato, e em cima do banco vae elle para dentro da casa; ao entrar, Nakoeri interrompe seu canto: vaes para dentro do céu, diz Nakoeri. — Sim, capitão, vou, diz o candidato. — Leva-o para dentro do céu, diz Nakoeri para seu companheiro, e novamente entoa seu canto.

O banco vae para o céu, rodando; o companheiro do Nakoeri vae segurando o banco e instruindo o candidato, que não vê ninguem: aqui, vae dizendo o companheiro de Nakoeri, é a praça da noite velha; ali a

3: Abreu SP7 Bacairi

praça das cabeças velhas, acolá a praça das costellas velhas, vae lhe dizendo [15]. O candidato nada vê, apenas ouve a lingua do companheiro de Nakoeri; no céu reina só o escuro, por isso não vê ninguem.

Depois de muito andar, o céu vae esfriando: estamos proximos da aldeia, diz o companheiro de Nakoeri. Depois chegam á aldeia dos maribondos, só lingua de maribondos ouve o candidato; vieste meu irmão? vieste, meu pai? vieste, meu tio? vieste meu filho? ouve o candidato, mas nada vê, porque o escuro de céu não se póde enxergar.

O banco põe-se novamente em movimento, e depois, como que acordando, chegam á casa de Nakoeri e entram por ella: andaste muito, diz Nakoeri. — Sim, andei, capitão, responde o candidato.

Passado pouco tempo, o candidato diz a Nakoeri: Capitão, vou-me embora. — Sim, responde Nakoeri; podes ir agora; qualquer dia virás outra vez.

Interrompamos agora este trecho, para sobre elle fazer algumas observações.

O Dr. Carlos von den Steinen ouviu de Antonio alguma coisa que provavelmente se referia a Nakoeri; pensou, porém, que na historia, — naturalmente pouco desenvolvida, porque Antonio falava em portuguez, de que não sabia muito, e um Indio só conta com gosto e clareza no idioma natal—se tinha insinuado a influencia do christianismo. E assim, quando Antonio não se lembrando de prompto do nome do personagem que habitava o céu, procurava rehave-lo da memoria perra, perguntou-lhe o viajante alemão si não seria Jesus

(15) A palavra *velho* neste trecho corresponde ao suffixo *püri* ou *büri*, que, já vimos, indica o passado dos substantivos.

3: Abreu SP7 Bacairi

Christo. — *Crito mesmo*, repetiu Antonio, acceitando talvez a insinuação [16].

Nakoeri será effectivamente uma adumbração de Christo, sedimento de catechese catholica? Repugna-nos acredita-lo, porque nos animaes que Nakoeri cria, no papel que desempenha quanto á adopção das sombras em seu reino, na investidura que dá aos curadores, na distribuição dos diversos dominios do céu, no modo original por que lá se viaja, em tudo se nota uma construcção de accordo com a concepção do mundo vigente entre os Bacaeris. Ou a idéa christan é inteiramente alheia á concepção bacaeri, ou foi totalmente suffocada pelo ervanço indigena em que a semearam.

Admittido que Nakoeri é concepção espontanea e não alienigena, convém investigar si de facto elle é divindade luminosa, como acima ficou dito.

A escuridão do céu inclinaria a colloca-lo de preferencia entre os poderes lobregos; mas a sua distincção clara dos yamüras — que, estes sim são forças lobregas como o proprio nome está indicando —, reprime este primeiro impulso. E novos argumentos nos fornecem os bancos brancos em que o candidato deve sentar-se si quizer subir a piahi; o emprego do algodão, materia pouco agradavel ao yamüra, tanto que a semente queimada os enxota para longe das casas que perseguem; e finalmente a cauda de arara que elle amarra ao maracá. De facto em bacaeri *kxavida tapabileč ixu torokxo* significa duas coisas muito diversas: a cauda do lindo Psittacide que conhecemos, e a hora

(16) *Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens*, 346.

que precede immediatamente o nascer do sol. "Primeiro apparece *mackudani* (provavelmente engana anta, porque o animal acorda, pensando que o dia está proximo); depois a cauda amarella da arara *kualokua*; depois nasce a cauda da arara vermelha; ainda não acaba a cauda da arara vermelha e já nasce o sol (*kuazida tapabiłę ixutaroxo nadãcpalo xixi cyaccli*)" diz um texto que temos á vista. Assim, quer como objecto zoologico, quer como momento astronomico, a cauda de arara é prova de que Nakoeri representa um poder luminoso.

O que resta da historia do candidato a piahi resume-se em poucas linhas.

Depois de ter falado com Nakoeri, o candidato vae embora; na porta do céu, a sombra reveste a camisa antiga e quando nesta, se deita e dorme; ninguem póde ir onde elle está, excepto o curador que o iniciou. A' tarde acorda: — queres mingáu, estás com fome? pergunta o curador; e quando o candidato responde que sim, vae fazer-lhe mingáu de massa azeda. Tres dias dormidos come beijú fresco, depois polvilho e *puhereyo*. O curador não o deixa ainda sahir da casa da dança; na outra lua come pirão; passadas duas luas póde sahir um pouco, e então come caça, matrinxã, pacú branco. Tres mezes mais tarde, é piahi, passeia, entra em onça, entra em anta, entra em queixada, etc.

Consagrado piahi, já vimos algumas das coisas que é capaz de fazer. Daremos, porém, ainda uma historia, para que se veja a distincção entre piahi e yamũra.

3: Abreu SP7 Bacairi

Ambos elles morreram, e exactamente da morte vem a força que os torna tão temidos de seus conterraneos; mas depois de morto, o piahi torna á vida por concessão de Nakoeri e então nunca mais morre, ao passo que o yamüra póde apparecer na terra, entrar no corpo de animaes, vestir mesmo a camisa de homem como nas festas mascaradas, mas na realidade nunca mais vive cá em baixo.

Ambos têm poder quasi illimitado sobre a natureza, mas na realidade o piahi é o mais poderoso, porque o yamüra o respeita, trata-o por cunhado, e elle tem meios de abrandar o yamüra e até de espanta-lo, como queimando caroço de algodão ou pintando de urucú as pessoas contra quem yamüra está irritado.

Ambos representam potencias lobregas, mas o piahi representa alguma coisa de luminoso que apanhou de sua convivencia com Nakoeri.

Ficou dito que, em certos casos, tanto piahi como yamüra podem retirar a sombra de pessoa que os offendeu; mas só o piahi póde restituir o que elle tirou; e, ao contrario, póde restituir a sombra roubada pelo yamüra.

Leva-nos isto a tratar de Topiehe, ave mato-grossense que não foi possivel identificar, e em cujo nome está provavelmente o mesmo radical que se encontra em *piahi* e *epiwado*.

Topiehe, quando se mata, rouba a sombra da gente; por isso não se mata Topiehe: leva a sombra da gente para longe; depois a gente morre. Dentro do céu é a casa de Topiehe; o Topiehe não fica morto

3: Abreu SP7 Bacairi

realmente, diz o piahi. Quem matou (apparentemente) o Topiehe fica com frio; quando chega em casa adoece; depois se chama o piahi, e quando elle chega, lava-se bem limpo o banco; depois se amarra com algodão a cauda da arara, no maracá. Emquanto isto faz o curador, a gente não fala, apaga-se o fogo; bota-se o banco na porta, e o curador segura-o, toca o maracá e depois grita. Quando não está perto, *yamüra* não vem depressa; quando chega, o banco se move e si o curador o não segura foge, por isso o curador não larga o banco, no qual se senta *yamüra*, com quem o piahi conversa: Não vês, parente, estou chamando, estou falando, estou cantando, estou gritando, diz o curador. Fiz isto, porque commetteu este crime (*inutudohe*), responde Topiehe — E' gente, não sabe o que faz, por isso te matou, responde o curador. Quando o piahi falou: toma-o, diz Topiehe. Quando se agarrou ao algodão nossa sombra fica em cima e então o assassino fica bom. Depois da entrega: vou-me embora, ouvi teu grito e por isso vim, diz Topiehe. Quando Yamüra sae, a gente conversa, o curador vae para o doente; adoeceu porque matou Topiehe; Topiehe não se mata, diz o curador.

Por sua parte póde tambem o curador roubar a sombra de qualquer pessoa.

Aproveita o somno daquelle contra quem está zangado (*piahi icwirocenibüri*) e agarrando a sombra que passeia, leva-a a diversos lugares, perguntando-lhe implacavel se sabe por onde anda. Logo o piahi iewiroceni-büri sente frio e febre, e adoece. O avô e a mãe imploram a protecção do curador: Vem ver meu filho, diz a mãe: vem ver de que aquelle meu filho está doente. Si não dizem isto, o piahi faz morrer a pessoa.

3: Abreu SP7 Bacairi

Si dizem, o piahi responde: Teu filho é um medroso, por isso é que está doente: mas está mentindo, é só para que não se saiba que foi elle. De tarde sae gritando pelo caminho; á noite volta para casa gritando, manda apagar o fogo, e a ceremonia é quasi a mesma que com o Topiche, e o pagamento do curador é uma rêde de algodão.

No fim desta historia, que resumimos, insiste-se mais uma vez sobre o poder do curador.

Piahi passeia com yamüra, passeia com onça (*udo-đa*, o mesmo radical do *udo, udoréri*, inimigo), vae para o céu, vae para a agua, entra em cobra, entra em sucuri, entra em passarinho, entra em qualquer volatil; por isso nos faz medo; dentro de cobra nos morde, dentro de onça; sabe quem morre; passeia feito vento, passeia dentro da aldeia, passeia perto, derruba casas com gancho, tudo isto faz quando está zangado.

Assim, o Bacaeri vê no mundo tres grandes forças: Nakoeri, inerte, bondoso e afastado, que não precisa de culto, porque não faz mal; yamüras, almas dos paes, que foram para o céu, e podendo fazer o bem, podem igualmente fazer o mal e devem ser propiciados continuamente; os piahi, yamüras de ordem superior, porque ressuscitam depois de mortos e vêm novamente viver entre os homens.

Ao lado destes tres principios, encontramos figuras e noções pouco claras, provavelmente restos de idéas mais antigas.

O Dr. C. v. d. Steinen fala de *Kilaino oroiko*, que traduz por diabo. I. não conhece tal entidade, mas sim-

3: Abreu SP7 Bacairi

plesmente Kilâino, entes maleficos, que moram no mato ou no morro, assumem fórmas differentes, alimentam-se de ratos e passarinhos, não passam agua, escondem a caça morta e as setas atiradas, as coisas que caem das mãos da gente; respondem aos gritos de uma pessoa, e gritam para transviar quem anda no mato.

Do mesmo genero são: Kzarowi, que anda á noite, trazendo por machado um sapo, animado sempre do desejo de fazer mal ao Bacaeri, mas geralmente ludibriado por este, em summa similhante aos Curupiras do Amazonas, quaes nos apparecem nos contos colhidos por Barbosa Rodrigues; e Yvanaguroro, o senhor da caça, facil de conhecer-se, porque tem um peito maior que o outro, contra o qual mata as pessoas que o offendem, figura similhante ao Caipora dos Tupis.

Trata-se tambem de uma lagoa, onde assistem o avô do peixe cachorro, o avô da piranha, o avô da cobra, o avô da lontra, o avô do peixe agulha, o avô do tambor, etc. No meio da agua apparecem phantasmas. Lá não vae anta nem capivara, nem queixada, nem volatil a atravessa. Antigos Bacaeris levaram para lá uma canôa, mas um redomoinho virou-a, o Kxurixio (especie de lontra encantada) comeu-os, só apparecendo dos mortos as barrigas.

Existem lá tambem a onça-assú, o cavallo-assú, o queixada-assú, o cágado-assú, o carangueijo-assú d'agua doce, etc. A borda d'agua tudo está balançando. O *Kxurixio* e os *Kxuxobe* agitam suas cabeças que soam como trovões, e quem ouve tal som adoece e morre, e quem vê os avós dos animaes tambem morre.

3: Abreu SP7 Bacairi

Á borda da lagoa existe um brejo, e a lagoa é de semen de animaes.

A idéa de Senhor apparece repetidas vezes, sem que seja possivel compreender bem o que significa. Quando Bacaeri affirma que o homem branco é o senhor do espelho, naturalmente quer com isto dizer que foi em mãos dos Carahibas que primeiro viu este objecto. Que diz, porém, realmente quando affirma que o senhor da chuva é o periquito ?

Tambem parece natural que, desde que certas coisas têm senhores, se pague a estes ou se lhes preste qualquer prova de respeito ou homenagem. Entretanto, só um caso deste genero se menciona: quem faz rêde, ántes de usa-la, arma-a fóra de casa em homenagem ao Coandú, senhor da rêde, para não ficar de cabellos brancos. Conta-se tambem a historia de um grande cataclismo produzido pela morte da lagartixa, senhora do vento.

Nestas condições, pouco interesse apresenta a seguinte lista de senhores, que só poderá ser aproveitada si apparecerem novos elementos comparaveis:

O lagarto é senhor do somno; a raposa senhor do fogo; o periquito da chuva; a lagartixa do vento; o curiango do anzol; o urubú é senhor do banco; caramujo, do sol; o sucuri, da rede de pescar; o socó, do boquité (especie de cesta); a uga (especie de lagarto) do ralo; o ouriço, é senhor do espinho; o martim pescador, senhor do peixe; o coandú, senhor do fumo e tambem da rede de buriti; o veado, é senhor da mandioca, etc.

Por aqui póde ver-se que Bacaeri não faz distincção muito profunda entre homens e animaes. Para *designar* estes usam de duas palavras: *icyi* primeira pessoa, que se applica ao animal que uma pessoa crion, e *anayido*, termo generico, simples plural de *anayi* que significa quem e alguem. E nada ha a estranhar desde que do mesmo modo os homens e os animaes têm sombra e falam.

Tambem as arvores têm sombra e falam.

Os capitães das arvores falaram primeiramente, conta o piahi; a peúva de flores amarellas, a peúva de flores vermelhas, o jatobá, a copahiba, o pau de morcego, falaram, conta o piahi; — aufa! vamos todos, amadureçamos nossas folhas, disse o jatobá, conta o piahi; sim façamo-lo, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, as folhas das arvores amadureceram de todo, conta o piahi; quando as folhas acabaram de amadurecer, falaram de novo, conta o piahi; aufa! derribemos nossas folhas, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse o jatobá, conta o piahi; quando os capitães falaram, todos responderam, conta o piahi; quando falaram outra vez, todas as folhas das arvores cahiram, conta o piahi; quando acabaram de cahir, seus capitães falaram, conta o piahi; aufa ! vamo-nos, floresçamos, minha gente, disseram peúva amarella e copahiba, conta o piahi; a copahiba e a peúva quando falaram suas gentes responderam: todos nós sim o faremos, capitão, disse sua gente, conta o piahi; quando disseram todas as arvores floresceram, conta o piahi; quando todos floresceram a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas falaram, conta o piahi; agora todos derribemos nossas flores, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o

3: Abreu SP7 Bacairi

piahi; quando disseram, todas as flores das arvores cahiram, conta o piahi; vamos, frutifiquemos, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse a peúva de flores vermelhas, conta o piahi; quando falaram, brotaram ramos, brotaram frutos, conta o piahi; a seringueira, a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas, o paratudo, a tarumarana da mata criaram caroço, conta o piahi; quando seu caroço se quebrou, a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas falaram, conta o piahi; vamos, agora quebremos nossos caroços, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim, assim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, no tempo da bebida beberam, conta o piahi; quando falaram, todos os caroços das arvores se quebraram, conta o piahi; quando os caroços se quebraram, falaram outra vez, conta o piahi; vamos todos, agora cresçamos! disseram seus capitães, conta o piahi.

Não foi só aquella vez que as arvores falaram, diz o piahi: (*Mára-ume nelõ-ba cé areyeli, tokehe piahi*).